

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Rev. Isto é

Class.: 394

Data: 12/11/80

Pg.: 30



Juruna, o gravador e a palavra do coronel: o dito pelo não dito?

### ÍNDIOS

## Juruna viaja ou não viaja?

Ele quer ir ao Tribunal Russell. A Funai não quer

O cacique xavante Juruna, gravador em punho, irrompeu na sala de imprensa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em Brasília, e convocou os cinco jornalistas presentes para a audição, ali mesmo, da fita que trazia. Registrava a conversa que tivera um dia antes com o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), coronel João Carlos Nobre da Veiga. O assunto: o convite do Tribunal Bertrand Russell para que Juruna fosse jurado durante as sessões de 25 a 30 do corrente, quando se julgarão, em Roterdã, Holanda, denúncias contra povos indígenas das Américas. O diálogo é surpreendente:

Veiga — Só espero que você, Juruna, se lembre de que é um brasileiro; um índio brasileiro não pode trabalhar contra o Brasil. Tem que defender o Brasil. Pode ser ruim, mas é a sua terra.

Juruna — Defendo a terra, mas quem defende a gente?

Veiga — Se não gosta do Brasil, vá para a Bolívia.

Juruna — E eu vou defender pistoleiro?

Veiga — Você não tem o direito de, como brasileiro, ir lá fora atacar o governo brasileiro. Se fizer isso, você vai ver o que lhe vai acontecer. Você vai ser execrado pelo povo. Se você for para o exterior, se comporte como brasileiro e como índio, nunca atacando a nação que o recebe de braços abertos, onde você vive com sua família e seus irmãos.

O diálogo, mais um bate-boca, segue por aí, mas sempre ficando claro que o coronel Veiga considerava a hipótese da viagem de Juruna a Roterdã. Tanto que a fita registra esta frase do presidente da Funai: "Quando é a viagem? Dia 25? Então tem tempo. Quando você voltar de Mato Grosso, eu tiro o passaporte".

**Os tutelados.** Esse diálogo havia-se passado na tarde de 30 de outubro, na sede da Funai, em Brasília, no mesmo dia em que a Fundação distribuía nota oficial para informar que o Conselho Indigenista, colegiado que assessora o presidente da Funai, desaconselhara a autorização para que o "tutelado Mário Juruna" fosse a Roterdã. Pela legislação brasileira, os índios são considerados "relativos incapazes", cabendo sua tutela à Funai. Dela dependia, portanto, a viagem de Juruna. Conhecedor das tramas de bastidores, o cacique, sempre com o gravador, passou a circular entre a Funai, salas de imprensa e gabinetes de políticos, em busca da autorização de viagem. Chegou mesmo a pensar que a viagem estava garantida. Afinal, embora o Conselho tivesse desaconselhado, Juruna tinha aquela fita na qual o presidente da Funai dizia que ia "tirar o passaporte". O cacique ainda tinha alguma esperança nessa fita quando a Funai o levou ao Rio para gravar um programa para a TV

Educativa. Um programa ameno, sem críticas.

**Xavante x xavante.** Mas, quando Juruna voltou a Brasília, a situação estava mudada. O ministro do Interior, Mário Andreazza, ao qual está subordinada a Funai, anunciara que Juruna não poderia ir porque o governo brasileiro não reconhece nem jurisdição nem competência ao Tribunal Bertrand Russell para julgar aspectos da política brasileira. Juruna não gostou. Irritado, escoltado pelos deputados Modesto da Silveira (PMDB-RJ) e Gilson de Barros (PMDB-MT), o cacique foi à sede da Funai reclamar, na última quinta-feira, dia 6. Esperava-o uma desagradável surpresa: lá estavam outros xavante, inclusive o cacique Warodi — e aí se passou uma constrangedora lavagem de roupa suja, diante de câmeras de televisão. É verdade que poucos entenderam: Warodi falou em xavante. Em todo caso, acusou Juruna de aparecer pouco em sua aldeia e de receber dinheiro dos brancos. Juruna replicou: Warodi recebia presentes da Funai para apoiar o coronel Nobre da Veiga. E ficou nisso. Mas Juruna não desistiu da viagem: nesta semana seus amigos pretendem levar à Justiça a questão do passaporte. É difícil, porém, que saia uma solução antes do início da sessão do Tribunal. De qualquer modo, haverá um brasileiro no júri, o antropólogo Darci Ribeiro.

Avelino do Vale